

CURRÍCULO E DIDÁTICA – UM DIÁLOGO LUSO-BRASILEIRO

Resumo

O texto tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento das Teorias de Currículo e de Didática pela discussão das relações entre os campos de estudo do Currículo e da Didática. Após contextualização do tema, em que se evidencia a sua atualidade, o texto divide-se em três partes. Na primeira, abordam-se as características do Currículo e da Didática e as relações entre esses campos, tal como presentes em textos da área educacional de ampla divulgação, particularmente, no Brasil e em Portugal, construídos em momentos históricos diferentes, mas cujas reflexões não se esgotam ao momento histórico em que foram escritos. Em uma segunda parte, incluem-se novas reflexões enriquecedoras das ideias desenvolvidas na primeira parte, e, finalmente, propõe-se uma síntese provisória sobre o tema. Esta é apresentada em torno de seis pontos: identidade de cada campo em relação ao seu objeto de estudo e às suas raízes epistemológicas; fronteiras e abrangência de cada campo e posições sobre a inclusão do Currículo na Didática ou desta no Currículo; institucionalização dos territórios de aprendizagem; divergências teóricas, implicando críticas de um campo em relação ao outro; confluências e interseção entre os campos; e contribuição recíproca e condições de cooperação mútua entre o Currículo e a Didática.

Palavras-chave: características do campo do Currículo, características do campo da Didática, relações entre Currículo e Didática.

CURRÍCULO E DIDÁTICA – UM DIÁLOGO LUSO-BRASILEIRO

Este texto trata das relações entre os campos do Currículo e da Didática pela abordagem das características gerais desses campos, suas divergências e confluências, de forma a contribuir para o desenvolvimento das Teoria de Currículo e de Didática.

Nos últimos cinco anos, as relações entre Currículo e Didática e entre esses campos e as Didáticas Específicas ou Metodologias de Ensino, têm sido bastante tratadas em fóruns de discussão e divulgação do conhecimento na área educacional. Isso fica evidenciado, por exemplo: em simpósio do *XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino* (ENDIPE) ocorrido no Brasil, na Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2008; no *IX Colóquio/V Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares*, ocorrido em Portugal, na Universidade do Porto em 2010.

Junto a esses eventos, é importante registrar a *V Conferência Internacional de Estudos Curriculares*, realizada na Universidade do Minho, em Portugal, também em março de 2012. Na Conferência, Michael Young defendeu a ideia de que a crise dos Estudos Curriculares, ou seja, a condição de eles estarem desaparecendo do ensino e da aprendizagem em instituições de ensino superior dever-se-ia, principalmente, ao fato de os estudiosos do campo não tratarem do conhecimento escolar. Para Young, o conhecimento que se aprende na escola é importante e os especialistas deveriam não só investigá-lo, mas também considerá-lo fora dos pressupostos do relativismo. Para ele, o objetivo da escola é a instrução, e, conseqüentemente, propiciar ao estudante o *conhecimento poderoso*, ou seja, aquele que leva o estudante para além da sua experiência, ou que lhe proporciona uma melhor explicação do mundo. Assim, é importante perguntar qual é o conhecimento que é definido, o que estaria sendo deixado de lado, pelos estudiosos, cujas questões que estudam não têm sido consideradas importantes pelas pessoas.

Uma análise da posição do autor permitiria relacioná-la à posição da *Didática Crítico-social dos Conteúdos*, expressão que identifica a construção teórico-metodológica, no campo da Didática, no Brasil, desenvolvida por Libâneo (p.ex. : Libâneo, 1985), e cujas origens epistemológicas ligam-se à Filosofia da Práxis ou ao Materialismo Histórico-dialético. Pela Didática Crítico-social dos Conteúdos, o papel da escola seria, exatamente, o da transmissão e assimilação crítica do saber sistematizado. Dessa forma, as discussões de Michael Young poderiam ser consideradas como mais um reforço atual ao estudo das relações entre o Currículo e a Didática.

Revisitando estudos

Na década de 1990, num contexto em que a discussão do tema Currículo e Didática representava uma necessidade e um desafio, encontra-se, entre outros, o estudo de Santos e Oliveira (1995). Sem deixar de reconhecer os limites desse estudo, principalmente, os relativos à ênfase no contexto brasileiro e ao momento da sua construção histórica – meados da década de 1990 –, as diferenças e aproximações entre Didática e Currículo, podem ser sumarizadas como a seguir.

O Currículo e a Didática se constituíram como campos distintos e contam, cada um, com uma identidade própria, mas possuem aspectos em comum. Historicamente, o objeto de estudo predominante do Currículo tem sido a seleção e a organização do conteúdo escolar, e o da Didática o processo de ensino como um todo. Assim, poder-se-ia dizer que a Didática envolve o Currículo, sendo, portanto, um campo mais amplo que este.

Por outro lado, no Brasil, em suas práticas de constituição, o campo do Currículo seria mais amplo que o da Didática, porquanto aquele, em sua trajetória, além de estudos e pesquisas restritos ao currículo escolar, veio acolhendo atividades de definição de propostas político-pedagógicas para a educação.

Numa outra perspectiva, historicamente, ainda no Brasil, o campo da Didática é mais antigo que o do Currículo, sobretudo em termos escolares. A Didática aparece nos currículos regulares de formação do educador em 1939, enquanto que a disciplina Currículo aparece, pela primeira vez, em cursos de treinamento ligados aos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais mantidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e nos cursos do Programa de Assistência Brasileiro-Americana no Ensino Elementar (PABAAE), na segunda metade da década de 1950.

Do ponto de vista de confluências e divergências teóricas, Currículo e Didática envolvem fundamentações comuns, por estarem situados na área geral da educação, e sofrerem as determinações das relações entre a produção científica e o contexto social mais amplo. No entanto, a partir da segunda metade da década de 1980, o Currículo fica marcado pela Teoria Curricular Crítica, com marco referencial na Nova Sociologia da Educação, desenvolvida na Inglaterra desde 1960. Já a Didática, passa, particularmente no Brasil, pela fundamentação no materialismo histórico dialético e na fenomenologia, com a contribuição da Sociologia da Sala de Aula, em ambos os casos.

Quanto à interseção entre Currículo e Didática, defende-se que ela enriquece e aprofunda o entendimento da educação escolar, sobretudo da prática da sala de aula. As autoras salientam a contribuição recíproca entre os campos, registrando que, até a década de 1990, no Brasil, a Didática contava com construções teóricas mais consolidadas que implicavam contribuições para as discussões no campo do Currículo, no âmbito dos fundamentos. Por outro lado, focalizando apenas essa década, estudos no Currículo como os relativos à História das Disciplinas Escolares também estavam contribuindo para as relexões na Didática.

Junto ao exposto, a complementaridade entre Currículo e Didática seria uma necessidade que lhes é intrínseca, visto conteúdo, mais relacionado com Currículo, e método (forma), mais relacionado com Didática, não poderem ser tratados independentemente um do outro, considerando-se a dialeticidade da relação conteúdo-forma, na educação.

Finalmente, registram-se temáticas comuns nos campos em pauta, no Brasil: as análises sobre a produção do conhecimento escolar, a formação do professor, e a cultura escolar.

A discussão sobre as relações entre Currículo e Didática é desenvolvida também por Libâneo e publicada e divulgada no livro *Confluências e divergências entre didática e currículo* (Oliveira, 2002) e também pela *internet* (Libâneo, 2002). Em 2008, em simpósio do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), no Brasil, Libâneo (2008) volta a tratar da matéria, reforçando a ideia de que o tema implica disputa de espaço na área da educação, nos âmbitos teórico-investigativo e profissional.

Em síntese, Libâneo (2002), defende duas teses: (a) Currículo e Didática têm objetos de estudo coincidentes ; mas (b) têm incompatibilidades de “*conjunção teórica*” devido às suas tradições culturais e teóricas e aos seus percursos epistemológicos.

Assim, segundo o autor, os objetos de estudo do Currículo e da Didática são fenômenos concretos do ensino e da aprendizagem, envolvendo decisões práticas, nos âmbitos da escola e da sala de aula. Logo, esses campos possuem objetos de estudo coincidentes e disputam o mesmo espaço teórico e profissional.

Em coerência com o exposto, os temas dos dois campos se sobrepõem, ocorrendo a subsunção da Didática no Currículo ou o contrário. Por outro lado, os temas também se complementam, podendo-se defender a subordinação de um dos campos pelo outro, dependendo da perspectiva com que se aborda a questão.

Em relação à segunda tese apresentada, o autor lembra que, em suas origens, o Currículo se liga à tradição anglo-saxônica, salientando-se, no Brasil, a influência norte-americana, e a Didática se liga, principalmente, à tradição alemã. A partir da década de 1980, pelo menos no Brasil, foram ocorrendo *entrecruzamentos entre as tradições teóricas* nos dois campos; o Currículo foi estendendo suas preocupações para a prática escolar que também se tornou forte referência para a Didática.

Em seu desenvolvimento histórico, à tradição positivista no Currículo seguiu-se, em oposição, a Teoria Curricular Crítica, a partir da Nova Sociologia da Educação, mantendo-se, no entanto, na expressão do autor em pauta, “*o conceito panteísta de currículo*”. Nessa posição, a teoria curricular sucede a teoria educacional e abrange toda a atividade da educação formal. Várias posições passaram a gravitar em torno da denominada Sociologia Crítica do Currículo, o que dificultaria a identificação de um referencial teórico que lhe seja comum.

Por seu turno, a Didática manteve-se vinculada à Pedagogia – teoria e prática da educação – o que a posicionaria como mais abrangente que o Currículo. Em seu desenvolvimento, o campo da Didática foi buscando, entre outros aspectos, seus fundamentos na prática. A partir da década de 1980, a maioria dos estudos mantêm a vinculação à tradição

européia, vinculando a Didática à Pedagogia. No Brasil, sua orientação é marcadamente marxista, mas há estudos influenciados, por outros referenciais, como a Teoria Crítica, a Fenomenologia e a Sociologia da Educação de várias matrizes teóricas. Em algumas direções, aproxima-se de teóricos do Currículo (por exemplo, Stenhouse), da Nova Sociologia da Educação, ou do Pós-estruturalismo. Nos dois últimos casos, a Didática trata de temas como escola e cultura, cotidiano escolar, o que permite interlocução com especialistas da Teoria Curricular Crítica.

Como exemplos dos pontos de convergência, entre esses campos, ter-se-iam: recusa do tecnicismo e de uma pedagogia que não considera as diferenças culturais; defesa do currículo escolar e do ensino como construções sociais e dos professores como sujeitos dos seus conhecimentos; preocupação com o conhecimento e a transformação do saber científico em saber escolar; estudo da cultura escolar e da cultura do professor.

Nessas condições, Libâneo (2002) sugere algumas condições de cooperação entre o Currículo e a Didática. Para efeito dos objetivos deste texto, importa referir-se àquela em que o autor aposta, ou seja, a Didática e o Currículo deveriam centrar-se nas demandas da prática.

Finalmente, na discussão que desenvolve no XIV EDIPE (Libâneo, 2008), o autor defende que se distinga a Didática do Currículo ou de outras disciplinas, sem, contudo, negá-las, tendo em vista o tratamento do fenômeno educativo em suas várias dimensões, o que seria favorável a uma formulação não reducionista de projetos educativos escolares.

Sobre a identidade dos campos em pauta, e no contexto de um fórum relacionado, particularmente, ao campo do Currículo – o *V Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares*, ocorrido na Universidade do Porto, em 2010 – pesquisadores portugueses e brasileiros trataram de questões epistemológicas no campo em pauta. Entre os estudos apresentados, o de Estrela (2011) aborda alguns aspectos da relação entre o campo do Currículo e da Didática, que cumpre retomar.

A autora se dispõe a discutir o tema da *Complexidade da epistemologia do currículo*. Nesse contexto, discutem-se a polissemia do próprio termo *currículo* e a relação desse campo com outras áreas disciplinares, o que, segundo Estrela (2011: 31) contribui para acentuar a “*ambiguidade persistente na definição do objeto de estudo*” do campo em pauta.

Segundo a autora, as condições expressas envolvem implicações epistemológicas tais como: dificuldades em relação à unidade do campo do Currículo e de construção do seu objeto de estudo; indefinição de expressões que identificam disciplinas do campo, como *Teoria e Desenvolvimento Curricular*; dificuldades na distinção entre ciência e ideologia no

campo da disciplina Teoria Curricular (designação utilizada essencialmente nos Estados Unidos da América) ; questões de especificidade e identidade das Ciências da Educação, que tomam o fenômeno da educação como um objeto de estudo e das ciências que tomam esse fenômeno como uma ilustração de outros fenômenos estudados por elas ; a questão gnosiológica dos critérios de verdade no campo do Currículo; e, estreitamente relacionado a isso, a polissemia do próprio termo *investigação* e a relação entre esta e a prática educativa.

Na discussão das relações propriamente ditas entre o Currículo e a Didática, Estrela (2011) deixa claras, pelo menos, três possibilidades de interpretação. Uma delas é a de se entenderem os campos do Currículo e da Didática como sobrepostos. Neste caso, pode-se deduzir que os curriculistas defenderiam a possibilidade e a propriedade da substituição da Didática pelo Currículo, e os especialistas em Didática defenderiam o contrário. Uma outra seria a do entendimento de que os campos possuem tradições diferentes, e não se sobrepõem, mas se interdependem. Ao lado dessas posições, há a defesa da maior ou menor abrangência de um campo em relação ao outro, implicando relações de conjunto e subconjunto, ora o Currículo englobando a Didática, ora o contrário.

Verifica-se, assim, que a discussão da autora implica uma síntese de algumas das discussões presentes nos estudos aqui revisitados. Ao lado disso, ainda pela discussão feita pela autora, podem se levantar fatores explicativos da situação exposta: (a) a formação e a identidade diferenciada dos pesquisadores e as lutas de poder entre os campos ; (b) abordagens, mais antagônicas que complementares, sobre o saber relativo aos conteúdos do ensino e sobre os locais de construção desse saber o que, segundo Estrela (2011), exigem clarificação.

Enriquecendo a discussão

Em estreita relação com o exposto, a discussão das relações entre o Currículo e a Didática, pode, de fato, ser enriquecida quando se considera a *institucionalização dos territórios de aprendizagem*, na expressão de Pacheco (2011). Estreitamente ligada à mencionada questão das disputas teóricas e profissionais, no âmbito das agências formadoras, a representatividade institucional do Currículo ou da Didática relaciona-se com a correlação de forças de docentes e de departamentos segundo a sua hierarquia ou estatuto institucional. Não se pode desconhecer que a formação dos campos disciplinares envolve disputas entre especializações.

Assim, reconhecendo-se a proximidade epistemológica dos campos do Currículo e da Didática, em função da aprendizagem, ao lado do processo diferenciado na constituição

desses campos, que determinam suas diferentes fronteiras, a despeito das interseções entre eles, pode-se afirmar, conforme Pacheco (2011), que *“currículo e didática têm sido diferentemente perspectivados por razões que se prendem com as concepções particulares dos responsáveis acadêmicos e não tanto com os argumentos efetivamente epistemológicos”*. Assim, os sujeitos dos dois campos, com suas experiências, vivências e domínio de conhecimentos particulares, constroem laços de identidade e pertencimento institucional, também próprios.

Quanto às lógicas conceitual-epistemológicas do Currículo e da Didática, elas influenciam as suas identidades, os seus graus de autonomia e a interseção entre esses campos e entre eles e outros campos de estudos e práticas.

Dentro disso, a Didática apresenta-se como um campo mais consolidado, no contexto das ciências da educação; congrega diferentes abordagens teóricas e tem o seu conteúdo identificado por diferentes nomenclaturas nos programas curriculares das instituições de ensino, tais como, por exemplo, no Brasil: Metodologia do Ensino Superior (em cursos de especialização).

Quanto ao Currículo, são expressivas as palavras de Nóvoa (1997: 14): *“hoje em dia, o conceito de currículo impôs-se no léxico das ciências da educação e é difícil escrever sobre questões pedagógicas sem o utilizar por uma ou por outra razão”*. Nesse sentido, o campo do Currículo acabou por alcançar estatuto de maioria acadêmica, e se apresentar como um campo de estudo autônomo, tal como a Didática.

Em termos da abrangência dos campos, o exposto vai ao encontro da posição de que, dependendo da perspectiva com que se aborda a questão, um dos campos é assumido como integrante do outro.

O caráter polêmico da discussão sobre a matéria é reforçado, ainda, quando se considera, por exemplo, que, em suas relações com as Didáticas Específicas, o campo do Currículo, na visão de curriculistas, ou o campo da Didática na visão dos seus especialistas serão considerados, cada um, como o campo que permite associar os métodos aos conteúdos, ou o campo que trata das regularidades do ato pedagógico que permeia o ensino das diferentes disciplinas escolares, ou, em outras palavras, conforme Huerta (1990: 16), o campo que trata dos *“saberes gerais comuns às diferentes especialidade de ensino”*.

Ao lado do exposto, no Brasil, a Didática tem uma história de hegemonia em relação ao Currículo, como disciplina nos cursos de formação do professor. Atualmente, pelos dados de que se dispõe, em muitos casos, conforme estudo de Martins e Romanowski (2010), ela

aparece *substituída* por outras disciplinas em vários cursos de licenciatura. No nível da pós-graduação *stricto sensu*, ao contrário do Currículo, a presença da Didática parece inexistente, quer como disciplina, quer como definidora do núcleo curricular de programas ou cursos. No entanto, conta com presença expressiva em cursos de especialização, na forma de Metodologia do Ensino Superior e/ou Didática Universitária. Junto a essas condições, os fóruns de pesquisa e divulgação da Didática e do Currículo, mantêm-se fortes, contando ambos com grupos de trabalho ligados à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa na área educacional (ANPEd).

Em Portugal, o campo do Currículo vem assumindo a hegemonia em relação ao da Didática, na maioria das Universidades. Ao contrário da Didática, o Currículo aparece como disciplina em praticamente todos os cursos de formação do professor, em nível de graduação. Na pós-graduação *stricto sensu*, o Currículo é tratado não apenas como disciplina em cursos, como, também, é definidor do núcleo curricular de vários programas, verificando-se um deslocamento da Didática para o Currículo e do Desenvolvimento curricular para Estudos curriculares. A propósito, entendendo-se o Currículo na relação teoria-prática, tende-se a colocar o Desenvolvimento Curricular no terreno dos práticos e os Estudos Curriculares no terreno teórico.

Essa posição não inviabiliza que se trate o campo da Didática de forma similar, em que a teoria (Teoria didática) e a prática (Desenvolvimento do ensino) se relacionam numa visão dialética da relação prática-teoria-prática.

Por todo o exposto, o que parece ficar claro, mais uma vez, é que os campos em pauta são campos muito próximos, na área da educação, mas a despeito da *similaridade* dos seus objetos, contam com perspectivas e estatutos diferentes, dependendo do momento histórico e do contexto em que se situam.

As tradições brasileira e portuguesa têm sido mais a da Didática, enfatizada em documentos legislativos, ligados à educação, até, pelo menos, a década de 1970, considerando-se as duas realidades. A partir sobretudo da década de 1980, o campo do Currículo começa a dividir espaços com a Didática. Nessa trajetória, constroem-se diferenças, também no âmbito das suas intervenções. Nesse sentido, “*o currículo engloba os parâmetros institucionais de decisão e justificação do projeto educativo (político-pedagógico) e a didática geral diz respeito à planificação, realização e avaliação do processo ensino/aprendizagem*” (Pacheco, 2011).

Dessa forma, e mais uma vez reafirmando a similaridade entre os objetos de estudo, a impossibilidade de *conjunção teórica*, e a realidade das disputas entre os dois campos, não se entende e/ou se defende a disjunção quando se abordam os campos do Currículo e da Didática. Conforme Pacheco (2011), “*mesmo que a designação (trata-se de Currículo ou Didática) persista nas práticas de organização curricular das instituições de ensino superior, currículo e didática constituem uma disjunção inclusiva*”. Nas interseções e complementações entre a Didática e o Currículo, pode-se construir contribuição expressiva para processos formativos comprometidos com a educabilidade dos professores.

Uma síntese provisória

A partir dos estudos revisitados, podem-se retirar algumas conclusões. Em primeiro lugar, percebe-se a possibilidade de se discutirem as relações entre Currículo e Didática em torno de, pelo menos, seis aspectos, estreitamente relacionados: (a) identidade de cada campo em relação ao seu objeto de estudo e às suas raízes teórico-epistemológicas ; (b) fronteiras e abrangência de cada campo e posições sobre a inclusão do Currículo na Didática ou desta no Currículo; (c) institucionalização dos territórios de aprendizagem ; (d) divergências teóricas, implicando críticas de um campo em relação ao outro ; (e) confluências e interseção entre os campos ; (f) contribuição recíproca entre o Currículo e a Didática e condições de cooperação mútua.

Em primeiro lugar, os campos do Currículo e da Didática possuiriam identidade própria, não tanto em função da natureza dos seus objetos de estudo que seriam *coincidentes*, para alguns, a despeito das diferentes concepções que se assumem sobre eles.

Aqui, aliás, importa afirmar que, a rigor, mesmo em relação aos seus objetos – considerados, simplificadamente, *o currículo escolar* ou *o ensino* tendo em vista a aprendizagem –, os campos se distinguiriam. Isto, considerando: a seleção, feita por seus agentes, dos aspectos do currículo ou do ensino que são tratados por eles, com maior frequência ; a maior ou menor ênfase e a abordagem diferente que atribuem a um ou outro aspecto escolar e que assume importância diferenciada, nos estudos e práticas de cada campo.

De fato, os *objetos de estudo* de qualquer campo não são fenômenos postos aos seus agentes, fenômenos prontos e acabados a serem descobertos, mas, sim, realidades a serem construídas na interação com sujeitos de conhecimento. Nesse sentido, as próprias divergências nas tradições teórico-epistemológicas do Currículo e da Didática, por parte dos seus agentes, envolveriam a construção de *objetos* diferentes nos estudos e nas práticas

correspondentes. Não se concorda, portanto, com a posição segundo a qual Currículo e Didática são campos que se sobrepõem e podem ser substituídos um pelo outro.

Sobre as divergências nas tradições teórico-epistemológicas do Currículo e da Didática, em comparação com a condição dos seus objetos de estudo, elas parecem ser mais claramente definidas e os campos permanecem ligados a elas em suas construções teórico-práticas – tradição anglo-saxônica, no caso do Currículo, e, alemã, no caso da Didática.

De qualquer forma, concorda-se com a ideia de que a similaridade entre os objetos de estudo e a incompatibilidade de *conjunção teórica* entre o Currículo e a Didática implicam disputas dos mesmos espaços teóricos e profissionais.

Quanto às fronteiras e abrangência de cada campo e as posições sobre a inclusão do Currículo na Didática ou desta no Currículo, fica claro que, dependendo do ponto de partida que se toma – por exemplo, especificidade dos objetos de estudo, o conceito que se tem de currículo ou de ensino, ou, ainda, o momento e o contexto histórico da inclusão de cada campo em currículos de formação do educador –, o campo do Currículo será considerado como mais abrangente ou mais antigo do que o da Didática ou vice-versa. Nesse contexto, nenhum dos campos estaria disposto a renunciar a abrangência que julga ter.

Além disso, nas condições de relatividade da inclusão de um campo no outro, ao lado das condições referentes aos objetos de estudo e tradições dos dois campos, qualquer posição apresenta-se frágil do ponto de vista da sua legitimidade e validade epistemológica, embora possa não sê-lo, do ponto de vista político. Não se desconhece a influência que as diferentes posições podem ter na construção dos estatutos dos campos em pauta, mormente na sua presença e no seu posicionamento na hierarquia dos currículos dos cursos de formação do professor; talvez, e apenas talvez, as posições sobre a abrangência de um campo sobre o outro contribuam mais para o aspecto político, no âmbito das mencionadas disputas, do que para o aspecto do desenvolvimento teórico-conceitual do Currículo e da Didática, mesmo levando-se em conta a interdependência entre esses aspectos.

Relacionado a isso, encontra-se, nas agências formadoras, a maior ou menor legitimidade curricular de um campo em relação ao outro, condicionada mais à correlação de forças entre docentes, departamentos ou outros órgãos institucionais, do que a questões lógico-epistemológicas. E nesse território de disputas, não raro deixa-se de aproveitar a condição de que há toda uma trajetória paralela com interseções, entre os campos do Currículo e da Didática que, por certo, não se altera por voluntarismo, por exemplo, de departamentos

universitários, a despeito da possibilidade de se construírem nomenclaturas diferentes para eles.

Voltando às construções teórico-conceituais, os campos do Currículo e da Didática desenvolveram-se muito, a partir da segunda metade do século XX, embora com ritmos e fundamentações diferentes. A partir da segunda metade da década de 1980, o primeiro fica marcado pela Nova Sociologia da Educação e a Didática, pelo menos no Brasil, fica marcada pelo materialismo histórico-dialético. Dentro disso, há vários pontos de discordância epistemológica entre os campos. Entre eles, a aproximação ou distanciamento: da afirmação ou negação da importância e até mesmo possibilidade de estabelecimento de fins da ação educativa; da importância ou não atribuída aos conteúdos escolares, mormente ao conhecimento sistematizado; da defesa ou não da razão como critério de orientação da conduta humana; da crítica ou não às meta-narrativas; da possibilidade ou não de uma consciência individual autônoma e da defesa ou não da ideia de conscientização política; da importância ou não do estudo das questões da aprendizagem; da ênfase ou não no tratamento do currículo escolar e do ensino somente pela via da prática.

Por outro lado, ambos os campos se encontram na recusa do tecnicismo, na defesa de uma pedagogia que leve em conta as diferenças culturais, na concepção dos professores como sujeitos dos seus conhecimentos, em discussões sobre o conhecimento, mormente as relativas à transformação do saber científico em saber escolar, e em estudos sobre a cultura do professor, e sobre a cultura e o cotidiano escolar. Também, em ambos os campos, a tendência da pesquisa se desenvolve no sentido de se considerar a importância da centralidade na prática ou mesmo de se tê-la como referência.

A realidade dessa pauta comum poderia ser ampliada pela possibilidade das articulações entre as questões sobre poder, cultura e linguagem, tão caras ao campo do Currículo, com as práticas de ampliação das possibilidades de aprendizagem escolar, defendida pela Didática. Assim, há pontos reais e possíveis de interseção entre os campos, que podem ser explorados, tendo em vista o entendimento mais compreensivo da prática escolar.

Além disso, não se desconhece que cada um dos campos tem contado com a contribuição do outro, como exemplificam os estudos da História das Disciplinas Escolares, no campo do Currículo, *utilizados* pela Didática e que podem ser explorados sobretudo no diálogo desta com as Didáticas Específicas. Obviamente, as condições de cooperação entre o Currículo e a Didática são limitadas, entre outros fatores, pela interessada defesa da hegemonia de um campo em relação ao outro; entretanto uma possibilidade seria a de ambos

os campos centrarem-se nas demandas da prática docente, atuando junto aos professores, em atividades formativas e investigativas comuns.

Por todo o exposto, poder-se-ia afirmar que há espaços de possibilidade para a interdisciplinaridade entre o Currículo e a Didática, nos limites concretos e conceituais da própria interdisciplinaridade na escola, principalmente, num contexto em que esses campos se situam, em um território de disputas teóricas e profissionais, na área educacional, em suas relações com as características do contexto social mais amplo.

Defende-se que a interlocução entre os agentes do Currículo e da Didática, cujas bagagens teórico-práticas na área educacional não são desprezíveis, pode contribuir para o enriquecimento de ambos os campos e influenciar de forma positiva os processos formativos escolares, tendo em vista o compromisso de contribuir para a educabilidade dos professores.

Às conclusões já postas, e defendendo-se que os campos não se sobrepõem, acrescentar-se-ia que, a construção do diálogo entre os agentes de um campo e outro, pode-se fazer em, pelo menos, duas direções diferentes. Em uma, entende-se e se propõe que os processos ligados à aprendizagem escolar sejam tratados a partir dos conceitos e práticas pertinentes a um dos dois campos, que englobaria os conceitos e práticas do outro. Obviamente, essa direção não conta com chances de materialização pela vontade comum desses agentes, mas pode ser efetivada segundo os interesses e grupos hegemônicos em um dado contexto.

A outra direção, aqui defendida, é a de se entender que os processos ligados à aprendizagem escolar são tratados a partir de diferentes referenciais, enfatizados pelos curriculistas ou pelos especialistas do campo da Didática. É evidente que esse tratamento não é neutro e implica práticas diferentes na escola e na sala de aula, mesmo no interior de cada um dos campos em pauta. No entanto, a menos que se abdique da defesa de pontos de convergência entre eles – por exemplo, recusa do tecnicismo e de uma pedagogia que não considera as diferenças culturais; defesa do currículo escolar e do ensino como construções sociais e dos professores como sujeitos dos seus conhecimentos; preocupação com o conhecimento e a transformação do saber científico em saber escolar – podem-se tomá-los como pontos de partida de um trabalho de cooperação entre os campos em pauta, que contribua para a formação do professor, comprometida com a construção de uma sociedade justa, democrática, implicando a superação das relações de discriminação, exclusão, opressão e dominação societárias.

Para terminar, há que se cuidar para que os estudos e práticas em Currículo e Didática atendam a demandas de formação docente. Uma dessas demandas é, por certo, o

entendimento e a interpretação crítica de documentos oficiais relativos aos processos formativos escolares. Nesse sentido, quanto ao tratamento das políticas públicas curriculares pelos dois campos, cuja influência nas decisões oficiais/legais, quer em Portugal, quer no Brasil, não tem sido desprezível, pode-se perguntar: como esse tratamento chega à escola, aos professores, às salas de aula?

Finalmente, o diálogo aqui proposto não poderá deixar de enriquecer-se com estudos sobre os campos do Currículo e da Didática como disciplinas nos cursos e programas de formação de professores ou de especialistas nesses campos. Nesses cursos e programas, o quê se ensina em Currículo e Didática e como se desenvolve o processo de ensino nessas disciplinas? Qual a relação entre o quê se pesquisa e o quê se ensina nesses campos? O quê se ensina da/sobre a pesquisa nesses campos, nas disciplinas Currículo e Didática: são os conteúdos dos campos construídos por seus estudos e práticas, e apresentados como resultados, ou são os processos de investigação nesses campos? Há exemplos e/ou experiências exitosas de interdisciplinaridade nas disciplinas em pauta? Que relação se estabelece entre aluno, professor e o conhecimento científico-tecnológico nas disciplinas Currículo e Didática, nos cursos e programas de formação de professores e de especialistas nesses campos? Enfim, como o conhecimento científico-tecnológico em Currículo e Didática se expressa nas salas de aula das disciplinas que lhes são correspondentes?

Essas e muitas outras questões poderão sugerir estudos e práticas críticas nos âmbitos do Currículo e da Didática com resultados férteis para o desenvolvimento desses campos e a sua contribuição à formação do professor.

Referências

ESTRELA, M.T. Complexidade da epistemologia do currículo. In: LEITE Carlinda et all. (Orgs.). *Políticas, fundamentos e práticas do currículo*. Porto: Porto Editora, 2011. p.29-36.

HUERTA, f. Niveles epistemológicos, epistemagógicos e epistemodidáticos de las didácticas especiales. *Enseñanza*, 8, p. 11-27, 1990.

LIBÂNEO, J.C. O campo teórico e profissional da didática hoje: entre Itaca e o canto das sereias. In: ENDIPE,14, Porto Alegre, 2008. *Trajetórias e processos de ensinar e aprender*. Porto Alegre: PUC/RS, 2008. p. 234-252.

LIBÂNEO, J.C. Os campos contemporâneos da didática e do currículo: aproximações e diferenças. In: *Didática: velhos e novos temas*. Goiânia: edição do autor, 2002. p. 86-109. Disponível em <http://gtdidatica.sites.uol.com.br/textos/libaneo.pdf>. Acesso em maio de 2012.

LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 4.ed. São Paulo:Loyola, 1985.

MARTINS, P. O. & ROMANOWSKI, J. P. A. didática na formação pedagógica de professores. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 205-212, set./dez, 2010.

NÓVOA, A. Nota de apresentação. In: Goodson, I. *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa, 1997. p. 9-16.

OLIVEIRA, M.R.N.S. (Org.). *Confluências e divergências entre didática e currículo*. 2.ed. Campinas: Papirus, 2002.

PACHECO, J.A. Currículo e didática: que inter-relação? In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E DIDÁTICAS: TENDÊNCIAS, CONTEXTOS E DINÂMICAS, 1, Universidade dos Açores, 2011. (Texto digitado).

SANTOS, L.L.C.P. & OLIVEIRA, M.R.N.S. Currículo e Didática. In: BORGES, A.S. et all. *Currículo, conhecimento e sociedade*. S.Paulo, FDE, 1995. p. 121-137. (Série Idéias, 26).